

BOURBON E MENESES

---

# PROENÇA FURIOSO & LASTIMOSO

OU

## A MEGALOMANIA DE UM MESSIAS SEM JUIZO

*A vaidade tambem tem regras, e Doutores.  
Quantas injustiças não terá feito a vaidade  
de fazer justiça!*

*Reflexões sobre a vaidade dos homens,  
Mathias Aires R. da Silva de Eça, 1761.*

*Quando vibrares o látigo seja de maneira  
que ele estale nos coiros.*

*Camilo, Correspondencia Epistolar.*

SUBSIDIO ANECDOTICO PARA A HISTORIA  
DA "SEARA NOVA" E DALGUNS PARDAIS

DEPOSITARIOS :

*J. Rodrigues & C.<sup>a</sup> — EDITORES*

186 — Rua do Ouro — 188

LISBOA



BOURBON E MENESES

---

# PROENÇA FURIOSO & LASTIMOSO

OU

## A MEGALOMANIA DE UM MESSIAS SEM JUIZO

*A vaidade também tem regras, e Doutores.  
Quantas injustiças não terá feito a vaidade  
de fazer justiça!*

*Reflexões sobre a vaidade dos homens,  
Mathias Aires R. da Silva de Eça, 1761.*

*Quando vibrares o látigo seja de maneira  
que ele estale nos coiros.*

*Camilo, Correspondencia Epistolar.*

SUBSIDIO ANEDOTICO PARA A HISTORIA  
DA "SEARA NOVA" E DALGUNS PARDAIS

EDIÇÃO DO AUTOR

1931

CENTRO TIP. COLONIAL  
LARGO RAFAEL BORDALO  
PINHEIRO, 27 E 28-LISBOA

# MEMORIA

*Ha vinte e três anos, — governava então João Franco e estava contra ele toda a opinião liberal — colava eu, com o meu pobre amigo Amadeu da Cunha Oliveira, nas esquinas das ruas de Lisboa, cartases pintados á mão, com tinta de verniz, da que se emprega nas carruagens, chamando o povo ás armas contra a ditadura. Rodaram os tempos, eu já não chamo o povo á revolução porque não acredito em revoluções, a não ser na que ele fará, talvez, um dia, por sua conta, contra todos os parasitas da sua boa-fé e do seu sangue, mas o que era ha vinte e três anos sou-o ainda, uma consciencia rebelde contra todas as mentiras e contra todas as opressões. Estas páginas, inspiradas num sentimento de desafronta, denunciam uma ironia amarga do destino. Considero-a melancolicamente e encho-me de admiração pelos felizes adventicios que não pude encontrar nos combates da minha mocidade.*

*Dela, porém, é que eu, verdadeira-  
mente, tenho pena: porque se foi  
para sempre!*



# PRELUDIO

**N**O dia 24 de Janeiro de 1930, na sede da *Seara Nova*, foi-me feita pelo sr. Luis da Camara Reys uma notificação verbal que imediatamente pedi me fosse confirmada por escrito. Essa confirmação consta da seguinte carta :

24/1/930.

Ex.<sup>mo</sup> Sr. Bourbon e Meneses

Meu Ex.<sup>mo</sup> Amigo.

Tenho a honra de lhe comunicar que, por uma carta recebida de Paris, Raul Proença chama a minha atenção para a estranheza que causou entre os «seareiros» emigrados a publicação de colaboração sua, na nossa Revista, depois das afirmações que ultimamente expendeu sobre ditaduras, no *Diario de Noticias*. Escrevo-lhe esta carta para confirmar as minhas palavras na nossa entrevista, ha momentos, na sede da *Seara*.

Seu, etc., etc.

(a) *Camara Reys*

Quando, na secção que ha mais de dois anos mantenho, semanalmente, no *Diario de Noticias*, em umas notas avulsas, que, por lapso tipografico, saíram formando bloco compacto, escrevi estas palavras — «O que tornou possiveis — e porque não dizer necessarias? — as ditaduras actuais,» etc — logo chegaram aos meus ouvidos os rumores, ainda confusos, duma irritação surda. Os censores destas minhas palavras, talvez imperfeitas sob o ponto de vista da exacta justesa, mas abonadas, quanto á sua desinteressada sinceridade, pela firmeza moral de toda a minha vida —

que só *parvenus* e retardatarios podem desconhecer — ardendo no zelo puritano que os põe de guarda ao intangível decalogo dos principios postergados pelas ditaduras, não viram nelas um dedução logica, extraída com mais ou menos lucidez de acontecimentos nossos contemporaneos, em todo o caso, sem reservados intuitos por um anotador dos factos sociais, mas, mais rasteiramente, ao que parece, uma interesseira acomodação ao *statu quo* politico que, dado o meu passado, eu deveria execrar tanto como eles.

Observei logo a um amigo, palestrando, que a palavra «necessidade» tem na geringonça filosofica um significado que êsses comentadores roazes, evidentemente, desconheciam. E, de bom humor, creio haver acrescentado :

— Esbocei a genese circunstancial das ditaduras *post bellum*. E conclui que, propiciadas e determinada por um complexo de factores perceptíveis, elas não só tinham sido possíveis, mas dalgum modo, necessarias. Esta necessidade não a reputava eu, por certo, racional, mas experiencial, de facto.

Pouco depois estampeei o artigo *Constituições e Ditaduras?* <sup>(1)</sup>  
 ¿ Que dizia eu nesse artigo ?

Que a situação governativa saída do 28 de Maio tinha sido possível porque todas as facções que para o triunfo desse movimento se conjuraram haviam apetecido uma ditadura para seu uso e que dessa conjuração tacita todas tinham ficado sem força para defender, das cavilações dum *tertius gaudet*, as prerrogativas do Parlamento e a inviolabilidade do estatuto constitucional. Dizia ainda que, de resto, em ditadura intermitente havia vivido, nos ultimos trinta anos, a monarquia constitucional e que quasi todas as reformas importantes decretadas, senão realizadas, no nosso pais, quer na vigência do antigo regimen, quer na do novo, haviam sido implantadas ditatorialmente. E citava Passos Manuel, Costa Cabral, Emidio Navarro, etc. Finalmente, socorrendo-me de Guy-Grand, cuja autoridade republicana é incontestavel, e transcrevendo do seu livro *L'Avenir de la démocratie* um trecho incisivo, concluía que emquanto a democracia se revestir de formas oligarquicas sempre o recurso á ditadura se afigurará a muitos legitimo e atraente.

Foi, então, que se produziu o acontecimento que, dias depois, em *post-scriptum* a qualquer artigo, comentei, ainda e sempre no *Diario de Noticias*, com esta sardonica zargunchada :

Uma simples menção de factos, em letra redonda, a proposito de constituições e ditaduras, emancipou-se dalguns admiradores.  
 Que alivio !

(1) No *Diario de Noticias*, 4-XII-929 (1.ª pag.)

*1700*  
Dois alferes, um tenente, e parece-me também que um capitão, aos quais se agregaram alguns paisanos, — como aqueles, afinal, ~~gestos~~ incivis — decidindo enobrecer a sua existência com um desses grandes, bravos, épicos gestos que tão frisantemente definem o conúbio da valentia do temperamento com a *platitude* do espirito, deliberaram fingir que não me viam quando por minha beira passassem.

É evidente que, como Jeremias, não me puz a chorar sobre as ruínas... do Feliz Pereira! Mas, com o coração nas mãos, confesso que, quando, aludindo a esses admiradores em debandada, ironicamente exclamei — «Que alívio!» — uma gota de fel verti, sem querer, em tão desdenhoso desabafo.

Mas eu pensei:

Esses jovens alferes, esse moço tenente, mesmo esse vago capitão, assim como os não menos vagos paisanos que se lhes juntaram, teem, a seu favor, uma atenuante considerável: a sua inocência intelectual. ¿Que sabem eles da vida, das ideias, e até mesmo dos vocabulos? Sobrega-lhes em contractilidade animal o que lhes falta em discernimento. Rigosamente, eles teem, quando muito, — um *crêdo*. Ora, todo o crente possui uma sensibilidade que se retrai, dorida, hiper-vibratil, á ténue, impalpavel, conjectural suspeita de um agravo ao seu *tabou*. São enfeitçados mentais. É justo que se tenha pelas reacções da sua intemperante emotividade uma larga e comprehensiva indulgencia.

Decidi, pois, não lhes fazer reparo.

Ficámos quites.

Entretanto, alguns dos censores, por mais implacaveis no varejo em que se entreteem, não se sentindo com forças para, nem mesmo por uma cotização de patacoadas da propria lavra, me arrancarem a pele em qualquer pasquim, voltarem os olhos para Paris, onde, «duro e puro como um cristal de rocha», <sup>(1)</sup> Raul Proença, certamente estremecerá sabendo da minha apostasia politica. Consumido nas desesperações dum penoso exilio, ruminando cóleras vingadoras na feroz solidão de quem já se declarou «duplamente exilado», <sup>(2)</sup> o terrivel fundibulario rugiria como leão ferido no flanco. E, enclavinado sobre o papel, os dentes cerrados, flamejando, escreveria contra mim duas, três paginas como ele as sabe fazer, — retumbantes! E a minha execução moral e intelectual ficaria consumada no patibulo dum libelo arqui-tremendo. Com essa descapitação magistral, os principios, os immortalissimos, que tantos

(1) Vidé, neste opusculo, o *Auto-retracto dum egotista*.

(2) Na *Seara Nova*.

escribas teem profanado, invocando-os, que tantos fatuos declamadores teem coberto de ridiculo, que tantos *profiteurs* teem parasitado vorazmente, readquiririam a virgindade infamada pelas poluções de todos os devassos da politica...

Eu soube do caso e tão confiantemente esperei o desengano dos néscios despeitados que fui eu proprio quem ao sr. Luiz da Camara Reynolds entregou, para que a remetesse ao sr. Raul Proença, a prosa incriminada. Passaram trez semanas. Quatro talvez. Positivamente: o sr. Raul Proença não se indignara.

¿Porque não heide confessar que esta quasi certeza me alegrou?

O desengano dos fariseus era a confirmação da lucidez de intelligencia, varias vezes provada, do publicista cultissimo. Não secundando os facciosos dava-me mais um ensejo de reconhecer a superioridade do seu espirito e, portanto, de o admirar.

Eis se não quando, o corisco fulminador caiu, como um sinal de omnipotencia julgadora, ante os meus olhos assombrados. Erguendo o *index*, Proença, de longe, de Paris, do exilio, da derrota, arvorado em corregedor-mór do crime, apontava-me a porta de vidro da *Seara Nova*! Ah! Angustiosamente meti a mão na consciencia procurando a lesão que fazia de mim, aos olhos dum homem tão clarividente, um aleijado moral.

Não li os termos da excomunhão. Mas logo ficou assente que eu traria o caso á publicidade porque a minha sensibilidade moral não é condicionada pelo facto eventual de os agravos que me são feitos terem ou não espectadores. Desde que ás murmurações anónimas o sr. Raul Proença vinha trazer o assentimento responsavel da sua sentença tonitroamente abonatoria dessas murmurações, impondo o repudio da minha desinteressada colaboração na *Seara Nova*, eu não ficaria calado. A minha réplica não seria aos facciosos que se haviam afastado de mim, como dum blasfemo, mas ao mentor intellectual que, pela intolerancia moral, viera equiparar-se aos truculentos. Escuso de lhes dizer como essa vaga melancolia, fugazmente ocasionada pelos retolos que haviam deixado de me falar, desceu sobre o meu espirito nesse lance em que um camarada, um homem intelligente, culto e honrado, que pretende ser um condutor da opinião, assim se manifestava numa renuncia odiosa aos deveres de fraternidade espiritual que mutuamente se devem os homens livres. Esse clarão de odio, que tanta vez, calamitosamente, tem iluminado na nossa terra, no tumultuoso borbo-rinho dos corrilhos e nas epileptoides agitações da praça publica, sinistras anfractuosidades morais, focava um amigo meu, expunha-mo irmanado, na comunhão das abominações sectarias, aos mais infinos possessos do quadrilheirismo nacional.

Ergui-me, porem, prontamente desse desalento para a desa-

fronta varonil que o amor proprio esbofeteado estava ditando á minha nervosa combatividade. E, em poucos dias, apoz um rapido exame á collecção da *Seara Nova*, na Biblioteca Nacinal, escrevi, contra-atacando, a minha defesa, num breve opusculo.

Ao encontro do remorso que eu já estava sentindo de poder concorrer para um espectáculo tristissimo, vieram, porem, as exortações persuasivas — não quero dizer sedativas — de amigos meus, entre os quais Raul Brandão.

Cedi a essas exortações.

E, vencendo todas as tentações da combatividade e todas as sollicitações do orgulho maltratado, fiz o que o sr. Raul Proença nunca seria capaz de fazer: desistir do legitimo desforço.

O folheto ficou na estante.

Passou-se um ano. E, quando justamente eu revia as provas dum livro <sup>(1)</sup> onde sem reбуço nem resguardo afirmo, fiel ao meu passado, a minha irresistivel hostilidade por todos os regimens de força, coercitivos, o sr. Proença arremessa-me ao odio do vulgacho acusando-me de haver feito uma profissão de fé anti-liberal e de, continuando a inculcar-me republicano, depois dessa abjuração, ser, ao mesmo tempo, um transfuga e um embusteiro. <sup>(2)</sup>

Eu sou cristão. Mas é justo que, uma vez por outra, pelo menos, para que não enferruge o character, quem mas faz — mas pague.

A minha generosidade e a minha paciencia haviam servido simplesmente para protrair a liquidação do conflicto. Tinham sido logradas.

Decidi, pois, correr os riscos duma polemica com um homem que, como o sr. Proença, desapoderadamente violento e megalómano, — e por isso que imunidades nenhuma reconhece — não poupa o antagonista a nenhuma cruesa de linguagem. <sup>(3)</sup>

Reagi com uma carta serenissima. <sup>(4)</sup> Ele veio á carga. <sup>(5)</sup> Repliquei. Surgiram, então, as complicações. Jesuiticamente, fui arguido de excesso de defesa. Eu tinha ainda, possivelmente, um recurso: a lei de imprensa. Podia talvez, — nem curei de sabe-lo — lançar mão dele, para castigar a ruindade. Refuguei esse expediente.

<sup>(1)</sup> O *Diario de João Chagas — A Obra e o Homem*.

<sup>(2)</sup> Na *Seara Nova* n.º 225 de 6-XI-930.

<sup>(3)</sup> Veja-se o que ele acerca do sr. Trindade Coelho escreveu num dos seus *Panfletos* e o gracejo brutal que se permitiu contra o sr. Homem Cristo a proposito do doloroso expediente cirurgico a que o notavel polemista teve de sujeitar-se em consequencia dum cancro rectal.

<sup>(4)</sup> Vai a seguir.

<sup>(5)</sup> Na *Seara Nova* n.º 230 de 25-XII-930.

Este opusculo, filho do que ha um ano esteve para vir á publicidade, aparece, sobretudo, como consequencia dos embargos postos na *Seara Nova* ás violencias legitimas do meu necessário e justissimo desagravo. Os que o lerem dirão, ouvindo a propria consciencia, — a mim nada tem a dizer porque não peço a opinião de ninguem — se essas violencias não são as que uma creatura de rara independencia, pobre de tudo, se quizerem, menos de hombridade, tem o direito de opor, não só em nome do seu brio ultrajado, mas em defesa da dignidade mesma do pensamento, ás sevicias da intolerancia ensoberbecida de mãos dada á estupidez das bestiagas.

---

# UMA CARTA <sup>(1)</sup>

Lisboa, 14 de Novembro de 1930.

*Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Luiz da Câmara Reys,  
meu presado camarada:*

Em uma nota ao seu demorado estudo sôbre o livro de Julien Benda *La trahison des clerics* escreveu o sr. Raúl Proença — segundo se pode ler no n.º 225 da *Seara Nova* datada de 6 do corrente e que o correio hoje trouxe a minha casa — que eu me fiz eco, recentemente, de uma tese negregada. Qual? A de que a felicidade dos povos é obra invariável do poder pessoal. E para fundamentar a arguição — porque o sr. Proença, arvorando-se nas funções de Fouquier-Tinville, pretende colocar-me, perante a opinião republicana, na situação de reu — recorda o facto de haver eu publicamente asseverado que «tôdas as reformas de algum valor no nosso paiz realizadas, teriam de ser inscritas no activo do do poder pessoal». Alude o sr. Proença a um artigo da minha autoria, publicado no *Diario de Noticias* de 4 de Dezembro de 1929, que epigrafei *Constituições e Ditaduras*, no qual tracei as seguintes linhas:

O espólio jurídico e social do constitucionalismo monárquico que é que nos diz? Diz-nos que quasi tudo que num sentido progressivo <sup>o/</sup> assinalou — esta é a verdade — foi feito em ditadura. Em ditadura criou Passos Manuel os

---

(1) Publicada na *Seara Nova* n.º 227 de 20 de Novembro de 1930.

liceus, a Escola Politécnica, a Escola do Exército e o Conservatório, ao mesmo passo que radicalmente reformou as escolas médicas de Lisboa e Pôrto. Em ditadura implantou Costa Cabral a Novíssima Reforma Judicial e o Código Administrativo. Em ditadura poz fontes em vigor o Código Penal. Finalmente, em ditadura, criou Emilio Navarro as escolas industriais, fundou os institutos de veterinária e agronomia e poz em execução as obras do porto de Lisboa.

Extinta a Monarquia, que é que nos evidencia o exame das realizações republicanas?

Excluindo a obra diplomática e militar da nossa intervenção na guerra, levada a cabo com o Parlamento, pode dizer-se que tudo quanto realmente grande marca a intenção reformadora das novas instituições foi efectuado pela ditadura do Governo Provisório, ditadura que Basilio Teles queria profunda, larga e demorada.

O que eu escrevi foi isto. Deixo ao espírito crítico das pessoas atiladas e de boa fé o julgamento da conexão íntima que o sr. Proença, embora forçando a lógica, tenta estabelecer entre a tal tese, segundo a qual a felicidade dos povos é obra invariável do poder pessoal, e o enunciado de factos que, circunscrevendo-me ao que em Portugal se tem passado, fiz. E para que esse julgamento possa abranger a *moralidade* do arreganho executório com que o sr. Proença me vem apontar à execração pública — certamente movido, como é próprio da sua indole cavalheiresca, pelos mais rectos e generosos intuitos — traslado, já agora, para aqui, o que o sr. Rodrigues Miguéis pôde escrever, num artigo que intitolou *Política, parlamento, competência*, o qual viu a luz na *Seara Nova* (n.º 39) correspondendo a Novembro e Dezembro de 1924:

Não acreditamos que seja alguma vez possível que um parlamento *exclusivamente politico* estude com clareza e proveito geral uma Reorganização da Educação Nacional, uma lei de sindicalização perfeita, um projecto de divisão dos latifúndios, uma resolução para tantos problemas económicos...

E em nota esse artigo, e como ilustração frisante do que acabo de transcrever:

A confirmá-lo vem o facto de terem sido decretadas em ditadura, na Manarquia e na República, muitas medidas das mais urgentes para o país, códigos, etc. Seria curioso elaborar uma relação desses diplomas com força de lei.

Não faço esta exumação para atenuar, dividindo-as, as responsabilidades que me caibam pela perpetração daquelas linhas refandadas, que o sr. Proença, desdenhosamente, não refuta. Faço-a, simplesmente, para que a galeria não passe despercebido o facto considerávelde, perante a lei democrática do sr. Proença, e apesar de ambos termos cometido o mesmo pecado, o sr. Rodrigues Miguéis haver podido conservar até agora, senão a estima, pelo menos a

indulgência do sr. Proença e eu — ai de mim! — estar curtindo, na abominação e no desprezo, o *anathema sit* do rude fundibulário. Aquele bemquisto, eu excomungado!

E' tremendo!

Com respeito àqueles serviços que, segundo o sr. Proença, fazem a minha razão de ser oficial, devo dizer que até êsses, efectivamente, corroboram, em larga medida, a asserção de que, em Portugal, quasi tudo que há feito foi, na verdade, implantado ditatorialmente. Eu próprio fui nomeado funcionário em ditadura, naquela ditadura que se seguiu a Monsanto, pela pena ministerial de António Granjo. Como isto aconteceu, porém, em 1919, devemos reconhecer que fui precedida na investidura ditatorial pelo sr. Proença, pois a dêste olheiro dos Principios deu-se num dos primeiros meses de 1911, pouco depois, portanto, da proclamação da República, por decreto ditatorial de António José de Almeida, passando o sr. Proença de redactor da *Alma Nacional* a conservador da Biblioteca Nacional.

Ficarei por aqui — se o sr. Proença quizer.

Para fazer inserir esta carta na *Seara Nova* invoco — tanto basta — a sua lealdade e a sua correção. E creia-me, meu prezado Dr. Câmara Reys, admirador mt.º obg.º

BOURBON E MENESES



# OUTRA CARTA

Lisboa, 28 de Dezembro de 1930

*Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Luis da Gâmara Reys,  
meu presado camarada:*

Quando em 14 de Novembro p. p. tracei a resposta epistolar que me pareceu ajustada ao remoque intempestivo que, nesse mesmo dia, eu recebera do sr. Raul Proença, e, fechando-a, para lhe imprimir um cunho de bravura, escrevi — «ficarei par aqui, se o sr. Proença quizer» — disse com os meus botões :

— Aguenta-te, Proença ! Ora apanha lá êste pião á unha !

Mas logo depois comecei a sentir-me inquieto, nervoso. Eu sou fraco, fragil de constituição, um tanto neurastênico, vagamente hipocondriaco, sensibilissimo ás punhadas que põem nodoas negras, um faniquento. E o sr. Proença é um atleta temível quâsi um Sansão — até pela gaforina — e, pela destreza com que maneja o pesado estadulho das polémicas á antiga portugueza, um varredor de feiras. ¿ Como me replicaria ? Então, agoniado, pensei no sr. Mussolini, que êle desancou num grande alarde de colera panflectaria : pensei no sr. Cunha Leal, que deixou a escorrer sangue. E, coberto já de suores frios, vi, positivamente, vi, sucumbido, com a lingua de fóra, gemendo nas unhas de Proença, o *terrivel*, o bonissimo Antonio Ferreira Monteiro. Fiquei a tremer, afflicto. ¿ Que iria ser de mim ? Tentando reagir, consolar-me, considerava : o Proença tem talento, argumenta com poderoso vigor, mas, em compensação, não tem espirito nem veia sarcastica pelo que não

passa, afinal de contas, como polemista e como panfletario, de um cansativo fazedor de descomposturas. Por momentos, assim pensando, criei alento. E, lembrando-me de Gonçalo Falcão, meu heroico antepassado, de quem o Barros das *Decadas*, se não estou em êrro, fala, ao ocupar-se de cerco de Diu, disse de mim para mim :

— Se voltas á carga, afinfo-to ! Olarila !

Pela sim, pelo não, como preventivo contra as recidivas do nervosismo, impuz-me a substituição do café pelo chá de tilia. O chá de tilia, como o meu presado Câmara Reys sabe — o Proença, nisto de chás, é que não sabe nada — é uma bebida excelente, que não excita os nervos, antes, pelo contrario, docemente os apazigua, Puz-me uma semana a chá de tilia, — e a reler um manual de *ju-jitsu*, para o que dêsse e viêsse. Mas uma semana passou sem que o sr. Proença dêsse sinal de si. E outra. Que demónio ! ¿ Teria êle reconsiderado ? ¿ Estaria com remorso de me haver tratado com azedume e desprezo ? E pela meu espirito, num relampaga, passaram estas palavras de alguém que muito bem o conhece :

— O Proença é um homem mal educado, cheio de admiração de si mesmo, e um insensato. Mas possui, a par disto, grandes qualidades e uma delas, talvez a maior, é um profundo sentimento de justiça !

Mas, finalmente, a tunda veio. (1) Fosse, porem, por virtude de chá de tilia, fosse porque o panfletario esteja tolhido pelo reumatismo, a verdade é que, lendo-a, conclui :

— Que chochice !

Porque é assim mesmo. O grande panfletario, que eu, atonitamente, visionara precipitando-se sobre mim com dois formidáveis punhos invenciveis, aparece-me, apoz tão larga demora, coxeando — e de orelha murcha. Fala, é certo, em vilesas possiveis da minha parte, não sei se para nos fazer ver que não tendo Cristo calçado luvas de pelica quando expulsou os vendilhões do templo — esta evocação é dele — cumpre ao intelectual que se presa rebater os adversários não com ideias, mas com um tamanco. Mas, palavra de honra, como eu o estou vendo, atravez da sua tréplica espapaçada e molenga, em que a convicção parece ausente, é, como lhe disse : coxeando — e de orelha murcha.

Seja como fôr, porem, meu presado Camara Reys, tenho de responder-lhe.

E' aborrecido isto, — mas inevitável.

(1) Na *Seara Nova* n.º 230, de 25 de Dezembro de 1930.

Comecemos, pois.

Começa o sr. Proença por arguir-me de «várias pequeninas insinuações» — queria-as grandes, pelos modos! — e, fino psicólogo, esclarece «que são como que o extracto sublimado da sua alma feminina (não esqueçamos que êle é o autor do tão reclamado *Meu Menino*, obra-prima, como em tempo lhe chamei, de sentimento maternal.)»

Não sabia que o sr. Proença tinha chamado isso ao pequenino livro ácerca do qual Teixeira de Pascoais traçou algumas linhas do mais alto louvor, que Raul Brandão disse ser (*Diario da Tarde*, 21-XI-925) «um livrinho encantador que não mais se esquece», que Aquilino Ribeiro enalteceu escrevendo — «essas breves paginas honram a nossa lingua» — e que Jaime Cortesão, na *Seara Nova*, noticiou e comentou nestes termos que me confundiram:

*Menino* é um poema da paternidade — dez pequenos cantos, escrito em versículos de sabor bíblico. Aqui e alem o autor eleva-se em transcendente humanidade e modulação extatica do verbo aos cumes da mais alta poesia. E quasi não estranhariamos ver o nome de Rabindranath Tagore em dois ou três desses trechos, tanto se irmanam pela emoção religiosa, pela frescura e exuberancia oriental, com o *Quarto Crescente*, do grande poeta indiano.

Estas opiniões conhecia eu: a do sr. Proença — conheço-a agora. Consolo-me dela pensando que talvez amanhã seja diferente. Com *Os Simples*, de Junqueiro, aconteceu isso.

Um ponto, no entanto, devo esclarecer: eu não escrevi livro nenhum intitulado *Meu Menino*. O meu livrinho chama-se, como certo poemêto elegiaco do sr. Antonio Correia de Oliveira, *Menino*. Com esse titulo de *Meu Menino* ha, efectivamente, um livro, mas é do sr. Dr. Samuel Maia, e trata de ensinar ás mães a melhor maneira de dar papinha aos bebês.

Mas disse o sr. Proença que eu fiz na minha carta «várias pequeninas insinuações».

Estava no meu direito faze-las. A insinuação é, muita vez, ainda, uma maneira de ser discreto e de ser cortez. Mas, não. Fiz afirmações, não fiz insinuações. E digo porquê.

Eu escrevi no começo desta carta que vi, um dia, em pesadelo, succumbido nas unhas do sr. Proença, com a lingua de fóra, o estimável Ferreira Monteiro, que, como sabe, é um distinto poeta. Mas o caso afflictivo não se repete comigo porque apesar de Jaime Cortesão, como recordei há pouco, quasi me haver promovido á categoria eminentemente gloriosa de Rabindranath Tagore, não sou poeta lirico. E porque não o sou respondo ao sr. Proença como ele merece que eu lhe responda, embora sem esquecer o respeito que devo a mim próprio.

Bestialidades de linguagem deixo-as aos que, depois de terem devorado cabazadas de livros, acabam por invejar o glossario dos alquiladores e dos regateiros.

E não venha ele outra vez gemer que o combate com «armas escandalosamente desiguais». Isto, sim, é uma insinuação, e malevolente.

¿ Desiguais, como ? ¿ Desiguais, porquê ?

¿ Porque ele, em Paris, ou lá onde está, tem o pulso livre e eu aqui, para lhe retorquir, estou sujeito às represalias do poder constituído ?

¿ E' por esta desigualdade de condições que ele assevera que as nossas armas são escandalosamente desiguais ?

O sr. Proença diz na sua carta que é rude porque é plebeu. Escusava de dar esta explicação. Era superflua. De resto, o que o sr. Proença, rigorosamente, mostra ser é uma égolatra, atacado de insania mental. E agora, por doidos: ; não havia este, que já estive furioso, de vir falar em alucinações, assacando-as aos outros! E' pécha de todos.

Transcrevo:

Mas onde o sr. Bourbon é certamente vítima duma alucinação, cujo character me atrevo a supor irrefragavelmente visceral, é quando pensa que quero para mim o papel de Fouquier-Tinville. Aliás compreendo muito bem o seu susto. Mas é infundado. Sossegue-o, Camara Reys. Diga-lhe que ninguém o quer lançar às feras ou tirar-lhe o emprego.

E conclui:

O que eu quiz mostrar foi isto, tão sómente: que o sr. Bourbon e Menezes, tendo defendido ideias essencialmente anti-republicanas, não pode continuar a usufruir do direito de se dizer republicano.

Não fui victima de alucinação nenhuma. Quanto a sustos seriam perfeitamente admissíveis. Por dolorosa experiencia sabemos todos para que saturnais de magarefes servem estas cavilosas exautorações de republicanos. ¿ Não foi o bravo e imaculado Carlos da Maia arrastado ao Arsenal sob a acusação de haver deportado os marinheiros, o que era uma falsidade? ¿ O sr. Proença fala em susto? ¿ E porque não? Tenho-o por mim, pois não me apetece ser abatido por facinoras em nome da depuração republicana, mas não o tenho só por mim. O sr. Raul Proença é um ideólogo sem discernimento politico, que não faz uma ideia exacta do que se passa neste país. Se me argui de haver conspurcado a Republica, e, por videirismo, cometendo uma aviltante apostasia, ter

pisado aos pés as afirmações de todo o meu passado, eu posso, amanhã — não fantástico, sei o que digo — vir a ser uma das victimas expiatórias, mas inocentes, na hora das brutalissimas revindictas. Outros mais modestos ainda do que eu o tem sido nas convulsões anarquicas da rua. ¿ Porque não hei-de, pois, ter medo? Tenho-o por outros republicanos tão sinceros e desinteressados como eu, tenho-o até pelo proprio sr. Proença a quem, neste momento, já aí alvejam <sup>(1)</sup> só pelo facto de ter sustentado dignamente que apenas nos logares de confiança politica a Republica tem o direito de impedir a presença de adversarios dela, ou indiferentes.

Do que não tenho receio é de ve-lo no papel de Fouquier-Tinville.

O sr. Proença é hoje, no consenso quasi unanime, um pluitivo de prestimo politico reduzido. Ninguem lhe denega talento: todos, porem, lhe recusam tino. E' um insensato. ¿ Quem o consentirá amanhã num posto de comando e responsabilidade?

Rigorosamente: esse homem não está em Paris — está na lua.

E não fale no meu emprego e no receio que tenho de perde-lo! A um homem com a minha altivez, tanta vez provada, com a minha alta noção da independencia, com o meu temperamento, com o meu sangue, ninguem tem o direito de acalcanhar com imputações tão deprimentes.

Olhe, Camara Reys: o sr. Proença zangou-se com o ministro que o nomeou. Eu zanguiei-me com o ministro que me promoveu. Foi aquele, Antonio José de Almeida. Foi este o sr. Dr. Manuel Rodrigues Junior.

O sr. Proença zangou-se em 1911. Eu zanguiei-me em 1926.

O motivo da zanga é que foi essencialmente diferente.

O sr. Proença zangou-se com Antonio José de Almeida quando ele o fez segundo conservador da Biblioteca Nacional «com o opparo vencimento anual de 450\$00» — precisamente por isso. Eu zanguiei-me com o sr. Dr. Manuel Rodrigues Junior, ministro da Justiça, meu superior hierarquico, quando, um dia, chamado ao gabinete do meu director geral, sr. dr. Germano Martins, me foi por este illustre amigo comunicado, da parte do ministro, que se a censura voltasse a cortar algum artigo meu — dias antes fora interdita por ela a publicação dum artigo da minha autoria — teria de proceder disciplinarmente contra mim. ¿ E como me zanguiei? Dirigindo ao ministro uma carta de veemente protesto contra a premeditada confusão de articulista com o funcionario, cri-

(1) No semanario academico de Lisboa *A Liberdade*, pela pena do seu redactor principal, sr. Bana.

vando-o de sarcasmos, numa ostentação insolente de independência. (1)

E-me desagradável recordar este incidente porque o sr. Dr. Manuel Rodrigues Junior nobremente resgatou o assômo arbitrário da cominatoria advertencia abstendo-se, depois, de qualquer violência que lhe seria facil e, mais tarde, subscrevendo, quando se deu a reforma dos serviços burocraticos a que estou adstricto, a minha promoção.

Se o recorde é simplesmente para mostrar a quem pretende dar-me lições de hombridade moral, como eu tenho assinalado o receio, que me atormenta, de perder o emprego.

¡ Mas esse diabo de homem está nitidamente fóra de si !

¿ Então não se abespinhou até com o facto de eu haver escrito «o seu demorado estudo sobre o livro de Julien Benda» ?

Demorado escrevi eu para significar : extenso, prolongado, que não é breve. Se eu quizera gracejar com o modo como ele tem aparecido em letra redonda teria, por exemplo, escrito : «o seu intermitente estudo.»

Vale a pena citar :

Conhece o meu amigo as razões dessa demora... Alem diso, os meus artigos são gratuitos.

E, perdendo as estribeiras, escreveu o sr. Proença :

Acho, porem, que devemos perdoar-lhe neste ponto : o sr. Bourbon pode pensar que eu colaboro na *Seara* pelo preço que lhe pagam no *Diario... da Moagem*.

¡ Este polemista é admiravel !

«...pelo preço que lhe pagam no *Diario... da Moagem*.

¿ Então o formidando panfletario não pressentiu que a isto eu vou retorquir que o preço por que ele escreve na *Seara Nova* é o mesmo que a esta custou sempre a minha eventual e desinteressada colaboração nela ? ¿ E que a moeda com que me pagam no *Diario de Noticias*, é, com certesa, qualitativamente igual á que ali recebe, pelos seus artigos, o sr. Augusto Casimiro ?

¡ Até neste bote errou o alvo o florete do sr. Raul Proença !

(1) Em 15-XII-1926. — Vidé, sobre este incidente, o *Diario de Lisboa* de 26, 27 e 28 de Janeiro de 1927 e 4 de Fevereiro de 1927.

! ¿ Mas, que escrevi eu ? !

! ¿ Florete ? !

! Ele sabe lá pegar numa arma dessas, Camara Reys ! Essa agora ! Não, a arma dele é outra . . .

De boa-mente deixo, porem, meu presado camarada, esta permuta de amenidades asselvajadas para, elevando o *tonus* deste debate, atacar a sério, e a fundo, o ponto crucial da questão que me traz, esbaforido e arquejante, em refrega com o mata-mouros de Paris.

Depois de confessar que não tinha á mão o empestado artigo *Constituições e Ditaduras*, escreveu o sr. Proença :

Lembro-me que o artigo do sr. Meneses não constituía uma simples constatação historica (e já como tal era grave); sobre esta constatação fundava ele uma doutrina; e essa doutrina era absolutamente anti-republicana e anti-parlamentar.

« Todo o homem — disse Camilo no *Cancioneiro Alegre* — tem uma porção de inépcia que hade sair em prosa ou verso, como o carnicão de um furunculo. »

A do sr. Proença não saiu inteira, por certo, nestas linhas que acabo de recortar da sua epistola : mas, inquestionavelmente, esgui-chou alguma coisa.

Fiz uma constatação historica precisamente nos termos em que, como provei, já na propria *Seara Nova* fóra feita, em 1924, pelo sr. Migueis. Que quere dizer o sr. Proença quando escreveu « que já como tal era grave » ? ¿ Porventura este intelectual entende que não devemos ir buscar á Historia aquilo que possa desprestigi- ar e desmentir, ainda que só aparentemente, os nossos conceitos doutrinarios ? ¿ Que devemos oculta-los ? ¿ Demiti-los ? Mas, num rompante, o sr. Proença, a quem, pelo que se está vendo, não falta aquele descarado heroismo de afirmar de que fala algures Eça de Queirós, sentença :

. . . e sobre essa constatação fundava ele uma doutrina, e essa doutrina era absolutamente anti-republicana e anti-parlamentar.

Mas o meu artigo *Constituições e Ditaduras* está na colecção do *Diario de Noticias*, qualquer o pode consultar na Biblioteca Nacional . . .

Depois de observar que, em Portugal, tanto na vigencia do constitucionalismo monarchico, como na do regimen republicano, quasi todas as reformas importantes foram implantadas, ou, pelo menos, decretadas dictatorialmente, escrevi eu :

Ocorre perguntar :

Porque surgem, assim, com tão frequente facilidade, do nosso movediço e vulcanico solo político, os ditadores e as ditaduras ?

Não me é possível, neste logar, exteriorisar todo o meu pensamento. Limitar-me-hei, por isso, a observar: a irreduzibilidade tumultuária das paixões partidárias á coordenação que a direcção da vida publica necessariamente implica, traduzia, nas vespersas do 28 de Maio, um estado congestivo de desordem que impunha, para o conjurar, o expediente duma sangria. Todas as facções, ainda as que nenhuma autoridade podiam aparentar para essa intervenção, rivalisavam no afã de a aplicar e, na medida das suas forças corrosivas, se afadigaram em desconjuntar o artificioso *modus vivendi* que o 28 de Maio, saudado no seu advento por essas forças interessadas em convertê-lo em utilidade propria, veio desfazer em detrimento de todas elas.

¿ É nestas verdades perniciosas que o delirio persecutorio do sr. Proença vislumbra uma doutrina «absolutamente anti-republicana e anti-parlamentar»?

¿ Se não foi aqui, onde foi?

Evidentemente, que não me é possível transcrever todo o artigo. Nem é a mim que compete rebuscar naquilo que escrevi a prova das arguições com que se lembrem de fulminar-me. O sr. Proença, invocando esse artigo, e arvorando-se, como eu disse, em Fouquier-Tinville, é que tem a obrigação moral de comprovar a acusação, de a fundamentar, de a justificar.

! Mas não!

Vem agora dizer que não tem á mão o meu artigo...

! É curioso! ¿ E acusa-me? ¿ Com que seriedade?

! Ah, meu presado Camara Reys! Custa-me ver nesta situação um homem como Raul Proença, a quem, sem nenhum receio, dirigi publicamente (in *Primeiro de Janeiro*, Maio de 1928) — estava ele já, portanto, no exilio — calorosas e sincerissimas expressões de solidariedade, de estima e de admiração com a autoridade moral de que me orgulho e que Jaime Cortesão, dedicando-me um dos seus livros, sublinhou nestas palavras:

Ao Bourbon e Meneses, belo e nobre espirito, um dos rarissimos cavaleiros *sans peur et sans reproche*, que estão de pé na arena do jornalismo, com alta admiração e amizade.

Não! Nunca tentei extrair de quaisquer factos historicos uma doutrina anti-republicana. No *Primeiro de Janeiro* (Janeiro de 1928) findei com estas palavras, que as condições da imprensa não me permitiram fazer mais claras, um artigo que epigrafei *A Competencia na politica*:

Agora que tanto está em moda proclamar o respeito das realidades é duma oportunidade flagrante acentuar que as reivindicações do espirito e as ansiedades do ideal constituem as mais poderosas realidades do mundo moral e que só recalçando o homem no bruto e inculcando-lhe o regresso á animalidade será possível fazer cessar a agitação em que se revolvem os homens. Temorosos da alte-

rosa imponencia das suas vagas, os que amaldiçoam o mar apontam-nos, como uma visão consoladora, as perspectiva dum pantano sem fim. O terror das ondas não lhes deixa recear os miasmas. A estagnação afigura-se-lhes infavel. Tudo, porem, conspira no homem para que a agitação, por vezes frenetica, do oceano, que é a vida social, não degenere na quietude fétida das aguas que apodrecem na imobilidade. Ha uma levitação incessante e universal das almas. Nenhum poder a detem. Multo menos nenhum poder a destroi.

Em Novembro desse mesmo ano, justamente no artigo com que iniciei a minha colaboração semanal no *Diario de Noticias*, em artigo que intitulei *A nossa crise*, escrevi :

Não! o mal não está no nosso estrangeirismo mas na superficialidade desse estrangeirismo. Na falta de sinceridade com que adoptamos os exemplos úteis lá de fóra : no *trucquage* vicioso de todas as tentativas de adaptação correccional com que periodicamente nos embaimos.

Estava a pensar, sem duvida, na enfatuada ingenuidade com que o inglesismo dos emigrados da Carta e da Rainha puzera de pé, em Portugal, as instituições representativas fazendo do parlamentarismo um arremêdo ajustado ao atraso cívico deste povo de analfabetos, esse arremêdo que, na tal constatação histórica, eu salientara indirectamente ao recordar que quasi todas as reformas do periodo cartista foram feitas em ditadura. E estava tambem, certamente, a lembrar-me da pureza com que a regedoria republicana, estreado-se, preparou as Constituintes, e do puritano zelo destas logo atestado pela deliberação, que tomaram, de se auto-converterem em Camaras ordinárias — dilatando, arbitrariamente, a seu mandato!

Em 6 de Agosto p. p. publiquei dois artigos: um no *Diario de Noticias*, outro no extinto jornal *O Rebate*. Sob a epigrafe *Grandesa e Miséria da Democracia* escrevi, então, no órgão democratico.

Que é a civilização senão uma obra de correcção da Natureza? Se domamos as forças elementares porque não havemos de domar racionalmente as forças que dentro de nós mesmos tumultuam? A Democracia, afinal, é a expressão deste anseio.

Sob o titulo *Politica no espaço* disse eu, nesse mesmo dia, no *Diario de Noticias* :

A soberania quasi omnipotente que aos Parlamentos é, num ou noutro país, atribuída pela letra constitucional resolve-se, praticamente, na submissão servil ao executivo quando se não traduz numa irrequietação tumultuante mas infecunda.

O formalismo constitucional pode dilatar-lhes teoticamente, as forças: mas não consegue esquivar-los ao incoercível fatalismo inibitório. Os parlamentos vigiam, fiscalizam e, vigiando e fiscalizando, realisam, muitas vezes, pela constricção

que impõem ás intemperanças do executivo, uma função preservativa utilíssima. Negar-lhe o merito seria tolo e absurdo. De resto, constituem um respiradouro.

¿ Onde está, em face destas afirmações bem expressivas, a minha solerte acomodação ao *statu quo*? Onde se enxerga a doutrina anti-republicana de que me argui o sr. Proença?

Eu estou aqui usufruindo os meus pecuniosos vencimentos: só tive, até agora, a misérrima gloriola, que gostosamente dispensaria, de quatro dias de calabouço num posto policial por suspeito de tentar fazer... doutrinação anti-republicana. Ele está em Paris, homisiado, sujeito a contingências asperas, sem dúvida, mas entre as quais não figura, evidentemente, a de poder ser incriminado pelo que pensa, pelo que escreve, pelo que faz ou pelo que outros imaginam que ele pensa, escreve e faz. Que seja um martir, vá! Mas que eu seja um traidor, parece-me forte!

Não! Eu nunca fiz nem tentei fazer, consciente ou inconscientemente, doutrina anti-republicana e anti-parlamentar. E o sr. Raül Proença, que me faz essa acusação, é que tem de testemunha-la como uma acusação dessa natureza pode e deve ser provada, isto é: com textos, transcrições, citações fieis e exactas. Se não o faz, eu, sem renunciar ao direito de lhe chamar caluniador, opodo-o já de desleal.

É verdade: porque lhe chamei fundibulario — «rude fundibulario» — diz o sr. Proença que «é essa precisamente a única rima em *ário* que eu (ele) tenho a honra de merecer».

Ora essa! E bibliotecario?

¿ Onde ficam os verbetes? ¿ As regras da catalogação?

Veja, Camara Reys, como, apesar de tudo, eu estou de bom-humor! Injuriado, agredido, quasi condemnado ás «galés da História», ainda sorrio. E' que, evocando as suas proesas de Hercules, diz o sr. Proença:

Por onde se meteria ele nessas ocasiões em que ser contra o sr. António Maria da Silva era um risco, e bater-nos contra Cunha Leal nos poderia valer uma cortezia dos seus partidarios?

! E não heide eu sorrir, desenfasiado, no meio desta peleja!  
; Se é o próprio antagonista que me faz sorrir!

! Um risco ser contra o sr. António Maria da Silva! ; Pois não!  
; Era tremendo! Todos o sabemos. Era tamanho que o podiam ser na própria Biblioteca Nacional, confabulando impunemente, fazendo aliciações de serventes, soltando ali mesmo o pregão da revolta contra a instituição parlamentar.

Foi lá mesmo, talvez, que o sr. António Sérgio, por exemplo,

escreveu para a *Seara Nova* (n.º 38, 1924), comentando um opusculo do sr. Bernardino Machado, então vindo a lume, estas palavras:

Lemos com o maior interesse o opusculo do sr. dr. Bernardino Machado *A irresponsabilidade governativa e as duas reacções, monarchica e republicana*. Parece s.ª ex.ª colocar a problema sobre a base da pureza do regimen parlamentar, tal como o século passado o concebeu: e por esse lado cai fóra da maneira de de ver do nosso tempo, — da moderna geração, — para quem o objecto é precisamente o de destruir esse regimen, tão falso, mentiroso, corrupto e corruptor.

Foi talvez ainda na Biblioteca Nacional, e provavelmente com o aplauso do próprio sr. Proença — que, para isso, teria de deixar em pousio as regras da catalogação — que para o mesmo n.º da *Seara Nova* o mesmo sr. António Sérgio, sob a epigrafe *O sindicalismo e o movimento das «forças-vivas»*, deixou cair da sua pena aguçada:

Diz o politiqueiro aos operarios que pretende defende-los da exploração capitalista? É dos livros! Acreditem os operarios nessa, se quiserem, mas mais uma vez correm o perigo de o pollicastro os enganar de acordo com a natureza da sua função: parasitar sobre todos. Guardem-se os sindicalistas de serem o instrumento inconsciente da segurança e prosperidade do pollicastro; cumpre entrar na doutrina do verdadeiro Sindicalismo, tão mal compreendida ainda pelos que foram educados na ideologia do «politico».

! Doutrina absolutamente parlamentar e republicana era esta, advogada na *Seara Nova* pelo sr. Sérgio, tardio, mas, em todo o caso, denodado corifeu dos Imortais Principios, companheiro de exilio do sr. Proença — diante do qual, este, de queixo caído, se mantém em adoração permanente — e um dos «seareiros» em nome dos quais, por causa do artigo *Constituições e Ditaduras*, fui expulso das colunas daquela revista! Sim, meu presado Camara Reis, nestes e noutros trechos selectos, que a coleção da *Seara Nova* regista, é que está a genuina doutrina que eu, indecentemente, atirei às malvas ...

! Como tudo isto é divertido!

Se eu tivesse algum exemplar disponível do meu livro *O Diário de João Chagas*, que, como sabe, recentemente, dei à publicidade, havia de faze-lo chegar às mãos do sr. Raúl Proença para que o iracundo paladino pudesse ver com os seu olhos como eu lisongei a situação governativa para cujo estabelecimento ele contribuiu com o seu irreflectido oposicionismo e, não contente com isso, ajudou, depois, a consolidar com os seus panfletos desgraçados. ...

Mas eu não tenho exemplar nenhum de que possa dispor. E comprar um, para lho mandar, não compro. Ter de o aturar, estar aqui, não sei já há quantas horas, a altercar com ele e, ainda por cima, gastar dinheiro por sua causa ...

Ná! ; Não lhe mando o livro!

De resto, a um homem como ele, intoleravelmente casmurro e em *lausperenne* de si mesmo, não se manda ler seja o que for. Digo-o com lástima, mas digo-o: ele não se penitenciará.

; Como é triste que, nesta nossa terra, mesmo os maiores, ainda sejam tam pequeninos!

Perdõe isto, perdõe tudo, meu presado Camara Reys, e publique — faça favor — (1) — este necessário e legítimo desagravo.

Creia-me admirador e camarada m.º obg.º

BOURBON E MENESES

---

(1) Enviada esta carta á *Seara Nova* num dos ultimos dias de Dezembro do ano findo só a 11 de Fevereiro deste ano me foi comunicado pelo sr. Camara Reys, num cartão datado da vespera, que ela seria publicada «num dos proximos numeros da *Seara Nova*.» Tinham já saído oito ou dez numeros dessa revista apoz o envio dela e, em carta que possuo, do mesmo «seareiro», havia-me ele feito sciente de que á sua revista cabia o direito de evitar a publicação de cartas como a minha. E' curioso que a *Seara Nova* escolhesse o dia 10 de Fevereiro para decidir a sua publicação. E digo que é curioso porque, nesse mesmo dia, fôra pelo autor entregue numa tipografia o original deste opusculo...

Telepatia?

Antes que me esqueça:

Para não alongar ainda mais esta carta desisti de transcrever nela muitos outros trechos de artigos estampados na *Seara Nova* nos quais o Parlamento era atacado com insistencia ao mesmo tempo que nas colunas dessa revista se fazia a apologia dum *governo excepcional*.

Este opusculo representa um sacrificio monetario para o autor. Eis porque não o documenta tão largamente como era seu desejo.

# **AUTO-RETRATO DE UM EGOTISTA**

## **TRECHOS SELECTOS**

*...sou dos poucos portugueses que não teem o habito de fugir á discussão.*

*(in SEARA NOVA, n.º 230, 25-XII-930)*

*Decidi-me a viver. No perigo? Talvez. Mas acima de tudo na ansia de me dar — no desejo de pôr sobre este Charco imundo uma espada coruscante, uma chama a arder...*

*(in PANFLETOS, n.º 1 — preambulo)*

*...se agora é a vez de a força ter o direito, algum dia ha-de chegar — por fatalidade — em que o direito terá a força. Nesse dia esses senhores podem contar comigo — como eu conto com eles.*

*Estou ás vossas ordens. Conto com vossa impiedade, e submeto-me a ela. Quando tiverdes de vos submeter à minha, serel mais feroz.*

*(in PANFLETOS, n.º 1 — pg. 8)*

*É preciso contar comigo — não para as coneias e empregos, como aconteceria se eu fosse da igualha do estafermo (refere-se ao sr. Cunha Leal) — mas para modificar de vez a atmosfera de*

vilesa, de afronta, de abdicação de verdadeira traição ao espirito e ás aspirações republicanas que temos respirado. Hei-de apresentar a conta do meu sacrificio e da minha coragem ; e juro-lhes que nunca ninguém antes de mim exigiu o pagamento no genero que vou exigir. Hão-de pagar-me em virtude e em vergonha — ou esta espada nua, erguida sobre as suas cabeças, será para elles a espada de Damocles !

(in PANFLETOS, n.º 1 — pg. 41-42)

...eu sinto, agora, que os éstos da Liberdade estão premidos no sub-solo, borbulharem mais fortes tôdas as seivas da Democracia : é como a voz duma fonte que se erguesse no silencio. Sinto que vamos sentir a volupia da Criação, a volupia de darmos a alma e possuirmos as almas. Por mim abençoão a hora em que nasci. Os Rodrigues tomaram conta do Charco, e julgam que elle ha-de ficar eternamente Charco, figé, com os seus Codigos, os seus Esbirros, a sua Censura, e a sua Carta Constitucional. Pois eu lhes juro que havemos de pôr no Charco um frémito de onda — de o transformar em rio de aguas vivas !<sup>(1)</sup>

(in PANFLETOS, n.º 1 — pg. 50)

Não vos falo em nome do meu temperamento, nem das minhas inclinações : falo-vos em nome de Clarividencia.

.....

Temos de acordar os sonolentos, de pôr de pé os mortos. A tarefa é ardua, por isso mesmo digna de nós.

(in PANFLETOS, n.º 1 — pg. 68-69)

Dispensio bem todos os admiradores que só me admiram pelo talento e pela coragem, os que só vêem em mim um belo espectáculo — os que leem os meus panfletos no estado de espirito de quem observa uma trovoada ou as cachoeiras do Niagara. Não teria nenhuma consideração por mim proprio se não passasse duma

<sup>(1)</sup> Estão vendo ? Fala como o rábi da Galileia... Tal qual ! Jesus, de Nazareth e Raul Proença, de Pataias — arcades ambo...  
Que patusco !

*força bruta da Natureza. É preciso reconhecer que, além da força, tenho a razão... (1)*

(in PANFLETOS, n.º II — pg. 10)

*A verdade é que nem todos os republicanos portugueses são monstros de apetite e de cobiça. Há-os, aos milhares, que nada pedem ao regimen e lhes em dão em troca, não obstante as tremendas desilusões, uma confiança obstinada. Concebeis que possa ficar desaproveitada essa grande força animica, correndo tão inutilmente nos seus nervos como a agua no leito das correntes? Enganai vos, porque ha um homem, pelo menos, que está disposto a canaliza-la e dirigi-la; que sabe que o dever de todo o «apostolo» verdadeiramente inteligente é fundar o seu apostolado sobre a grande força viva existente na sociedade da sua época. Como que a sinto já aqui vibrar, concentrada, na concha da minha mão.*

(in PANFLETOS, n.º II — pg. 10-11)

*Não posso deixar de reconhecer que me anima uma grande ambição. Sou ainda mais ambicioso que Cunha Leal, pois emquanto este se contenta com os trinta dinheiros, eu não faço a coisa por menos da corôa de espinhos.*

(in PANFLETOS, n.º II — pg. 12-13)

*Ah! ao contrario do que tu sugeres, pobre tonto, Raul Proença é puro e duro como um cristal — como um cristal de rocha.*

.....

*Quero ser, nesta terra de bisbórrias, que parecem pedir desculpa aos outros de existir, o homem que diz sim a si próprio,*

---

(1) *Tem tudo. Um dia, numa das ruas da Baixa, em Lisboa, Proença, ao passar pelo sr. dr. Fortunato da Fonseca, que conversava com um amigo, percebeu que estes ficavam falando dele. Voltando a encontrar-se, nesse dia, com o sr. dr. Fonseca, intimou-o, sorrindo, a que lhe dissesse o que dele tinham estado a falar. Quiz escusar-se o sr. dr. Fortunato da Fonseca. Mas Proença insictiu, falou em covardia moral e o sr. dr. Fortunato repetiu o que dele dissera:*

*— Quanto a mim é o rapaz de mais valor do grupo da Seara! E' pena que não tenha qualidades artisticas!*

*Ao ouvir isto, Proença increpou o sr. dr. Fonseca, já então quasi septuaginario. E dias depois escrevia-lhe uma carta de auto-elogio aos seus meritos artisticos e achincalhando com doéstos o ancião que, forçado por ele, lhe dissera o juizo que fazia dos seus merecimentos.*

*Este episodio vale um certificado de megalomania.*

*que diz sim á própria vida. Que fez da sua literatura, da sua personalidade, do seu carácter, da sua existencia um obstinado acto de vontade. Quando eu morrer (o que Deus faça tarde, porque acho a vida interessante, embora eu esteja conspirando para a não tornar comprida), nem a arte nem a sciência perderão coisa alguma. Mas os que tiverem vivido ao contacto da minha chama, os que tiverem visto retesar-se continuamente a seta da minha vontade, debruçar-me cada vez mais sobre as funduras donde tem crescido a minha voz interior, esses reconhecerão, se tiverem sido dignos de mim, que a vida ficou, a seu lado, alguma coisa diminuída. Quando eu morrer, o meu ultimo suspiro parecerá a alguns como que o extinguir duma voz que se não ouve mais. . .*

(In PANFLETOS, n.º 11 — pg. 29-30)

*A impressão produzida pelo seu primeiro panfleto foi, dizem-me, formidável. Disputou-se com frenesi. Chegaram a lê-lo, os magotes, em comicio. Procurarei corresponder a este belo entusiasmo. . . Aviso todas as companhias de mal-viver, todos os argentarios corruptores, todos os politicos corruptos, todos os bandidos, que de hora avante teem em mim um inimigo para temer.*

(in PANFLETOS, n.º 11 — pg. 37)

*Tenho lançado já para a politica do meu país algumas ideias constructivas essenciaes (Parlamento Técnico, jornal governativo, desenvolvimento da educação civica, etc.) Porque não dais corpo a estas ideias? Esperais que eu faça tudo? Que seja ao mesmo tempo, o motor que vos dê a luz e o carrinho que vos transporte? Assim será, se assim fôr preciso. . .*

(in PANFLETOS, n.º 11 — pg. 38)

*Ser uma voz livre. . . numa vida de combate — de triunfo, talvez de suicidio. . . «E's só tu! Mas por isso mesmo, amor. E' preciso levá-la até ao fim — por ser só eu!*

(in PANFLETOS, n.º 11 — pg. 42)

# UMA CARTA QUE O SR. PROENÇA NÃO ESCREVEU... (1)

(TRECHO FINAL)

.....  
Senhor Ministro da Justiça :

V. Ex.<sup>a</sup> tem nas mãos os recursos do Poder. São diversos e decisivos. Tem o Regulamento Disciplinar dos Funcionarios Publicos, a sua fantasia legislativa, as portarias, os decretos, todo o prélo do *Diario do Governo*, as enxovias da cadeia, os vapores da Insulana, tudo ! Eu pouco tenho, — unicamente a minha pena que qualquer chanfalho policial pôde quebrar. Mas os 735\$00 que o Estado mensalmente me dá estão ao dispor de V. Ex.<sup>a</sup>. O que V. Ex.<sup>a</sup> não conseguirá arrancar-me é o orgulho da minha inteligencia, a altivez com que me habituei a abrir caminho na vida, esta necessidade intima de aprumo e de elegancia, — de que V. Ex.<sup>a</sup> não é talvez /de compreender a solitaria volupia e o raro sabor, a um tempo amargo e consolador, — com que um homem de letras se obstina em defender, contra um professor de Direito, o sagrado

(1) Vidé a parte final da pg. 19 deste opúsculo, bem como a nota ~~na~~ inscrita ~~nessa~~ pg. 20.  
na

direito de exprimir livremente, quando mais não seja, o seu erro, como um homem que não é surdo ao apelo energico ou choroso da consciencia.

¿Quere V. Ex.<sup>a</sup> vingar-se do jornalista, a quem amordaça pela censura, ferindo-o como funcionario?

É nobre. E definidor.

Fico sciente.

Senhor Ministro da Justiça:

O senhor, que não tem no seu activo uma pagina onde rutila um lampejo de belesa ou estremeça um frêmito de sentimento, nem um desses gestos que erguem ao vento o *panache* dos gentis-homens, decida-se e não perca o ensejo. Coragem! Rache esta manga d'alpaca! Fulmine este republicano insubmisso!

O meu filho terá assim, das mãos de V. Ex.<sup>a</sup>, um gracioso presente de Natal.

BOURBON E MENESES

## QUEIMA-SE AQUI UM INQUISIDOR...

Respondendo a Manuel Pinheiro Chagas escreveu Eça de Queirós, de Bristol, em 1881:

Ha hoje nas sociedades cultas um tom geral de bom gosto, de ironia, de fino senso, que põem bem depressa no seu logar os fanfarrões da sabedoria, do milhão ou do musculo.

Ao nababo que nos agita diante da face um bolsa cheia de ouro, dizendo:— *Pobretões, eu cá sou rico!* responde-se tranquilamente:— *Talvez, mas és grosseiro!*

Ao mata-sete que nos mostre os seus pulsos de Sansão, e nos grite:— *Fralhões, eu cá sou forte!* replica-se friamente:— *Talvez, mas és brutal!*

E ao sabichão que, com quatro volumes debaixo de cada braço nos venha dizer, de alto:— *Ignorantes, eu cá sou sábio!* responde-se serenamente:— *Talvez, mas és pedante!*

E este tom, meu caro Chagas, é indispensavel. Se não, os ricos, os valentes e os sabichões, colligados entre si, tornariam bem cedo á sociedade inabitavel.

¿ Que diria o grande estilista se, em vez de retorquir a uma reprimenda do autor da *Morgadinha*, houvesse de ripostar a um acesso de fúria do sr. Proença?

Não faço ideia.

O que eu replico ao que o sr. Proença tirou de si <sup>(1)</sup> acerca da minha carta de 28 de Dezembro p. p. é o seguinte:

O prazer sádico que a minha nervosa combatividade extraia destes engalfinhamentos foliculares vai-me parecendo, cada vez mais, amargo. Não sei se estou a caminho da santificação, se do tédio. O que sei é que começo a perceber a volupia dos chinelos de ourela e da tranquilidade prudencial. O desembestamento do sr. Raúl Proença veio, pois, encontrar-me em condições pouco

(1) *Seara Nova* n.º 240, de 26 de Fevereiro de 1930, saída em Março de 31.

propicias aos triunfos que podem tirar-se, com grande jubilo para a vaidade, destes assaltos homericos em que os combatentes, quando a razão lhes desmaia, recorrem, para se reanimar, á consuetudinaria subrepção de substituirem as alegações convincentes pelas injurias latrinarias. Tenho de me demitir como sagitario ! No de mais, se algumas illusões tive quanto aos meus meritos literarios para estes bombardeios, que só não são incruentos porque a verdade e a justiça saem deles, por via de regra, a escorrer sangue, volatilizaram-se quando o glorioso panfletario das Caldas<sup>(1)</sup>, com encantadora espontaneidade, num daqueles seus *Panfletos* que hão de leva-lo ao Panteão onde os enfatuados repousam na immortalidade concomitante dos seus dislates furibundos, informou o país de que a primeira pena da Republica — é a dele.

¿ Que disse eu nessa carta ?

Disse:

1.º Que não proclamara tal, extraindo-a de quaisquer factos históricos, melhor ou pior constatados, uma doutrina anti-republicana e anti-parlamentar e, conseqüentemente, que não me pronunciará a favor do poder pessoal e dos regimens de força;

2.º Que na *Seara Nova* — não disse que tivesse sido o sr. Proença — é que, com nitidez e insistencia, havia sido feita, antes do 28 de Maio; e contribuindo, portanto, para o seu ambiente, a apologia dum «governo excepcional», duma ditadura — consentida lhe chamavam — ao mesmo tempo que o Parlamento era aspera e constantemente atacado.

Disse e provei isto com textos.

¿ Como respondeu a isto o sr. Proença ?

O sr. Proença respondeu a isto dizendo que, já depois de me haver manifestado abertamente contra a instituição parlamentar e contra a democracia, me puzera a tergiversar, a pôr remendos nas minhas afirmações de heresiarca apavorado; e, para estribar a arguição de que, efectivamente, eu renegara as minhas já velhas convicções, intimado por mim a exhibir os textos que a legitimariam, fez transcrições supostamente probatorias dessa abjuração de principios.

¿ Era tudo !

Mas o sr. Raúl Proença achou isto — pouco.

E por que, correspondendo aos seus obsequios de linguagem para comigo, o houvesse acoimado de egolatra, insensato,

(1) Rectifico aqui a naturalidade que lhe attribuí a pg. 28 deste opusculo. O sr. Proença — segundo me afirmam — não é de Pataias, é das Caldas. Pataias regressa, assim, á obscuridade.

louco e mal educado, o sr. Proença, a quem eu apodara também de fundibulario, decidiu desmentir-me e, em vez de pedras, desatou a arremessar-me esterco. Enterrou as manámulas, bem fundo, na fossa onde se acumulam as dejecções do vocabulario e, se não me enganei no inventario, para testemunhar que não é tal, como polemista, «um cansativo fazedor de descompostura», chamou-me bruto, cobarde, insignificante, doido obscuro, servil, vilão e pulha. Devêmos convir que esta *corbeille* de finesas chega para uma casa de familia — da laia dele. Mas eu não fiquei surpreso. O sr. Raul Proença foi sempre duma grande liberalidade soez. «*Je me glorifie de mes contradictions*» — disse algures Renan. O sr. Proença, que é um *moitinaire* em último grau, glorifica-se das suas brutalidades.

Este homem lê, estuda, raciocina, argumenta, — «com poderoso vigor» disse eu e repito-o — é capaz de fazer, e já as tem feito, páginas admiráveis. O que lhe custa infinitamente, quando se desvia da esfera das ideias puras para os debates pessoais, é estar com os pés quiétos. Dizia Barbey d'Aurevilly que se escreve com o corpo todo: com o cerebro, com o coração, com o figado, com o baço... O sr. Raúl Proença, num transporte das suas actividades sinérgicas, façanhudas escreve também com os butes. E com tal vigor local que eu receio que toda a sua energia, abalada nos miolos pelas succussões periodicas da demencia, venha a refugiar-se-lhe desesperadamente nas extremidades inferiores e tenha de vê-lo confinado á exteriorização contundente do coice.

Se tal chegar a dar-se teremos de reconhecer, com desalento e amargura, que o sr. Raúl Proença, depois de haver sido, por *motu proprio*, <sup>(1)</sup> a primeira pena da Republica acabou por ser, com ferradura e tudo, a primeira pata da sobredita.

Haverá, então, que passar de largo.

E se a força das circumstancias nos compeller a dirigir-lhe a palavra não será já, então, para lhe dizer exumando a historica galantaria:

— *Tirez le premier, Monsieur!*

Mas, mais rudemente, como os almocreves ás cavalgaduras impacientes:

— Chó!...

Feitos estes cumprimentos do estilo, vamos á desfibrção dos textos comprometedores e á exegese das heresias apontadas pelo energúmeno.

Depois de ter retoicado em oito paginas da *Seara Nova*, num

(1) Ha quem diga que esta promoção á categoria da primeira pena lhe foi dada por João Chagas — por trespasse.

inexcedível exhibicionismo de coices e relinchos, fez o sr. Raúl Proença três transcrições do meu artigo *Constituições e Ditaduras* para demonstrar documentalmente — eu prometera apoda-lo de caluniador se não fizesse a prova daquilo de que me arguira — que cometi três pecados hediondos:

a) Proclamar a falencia do constitucionalismo monarchico e republicano;

b) Justificar a ditadura militar instaurada pelo movimento de 28 de Maio;

c) Condenar os que contra ela se insurgiram e, por esse facto, se encontram proscritos, deportados ou homisiados.

Alem destas três transcrições fez mais. De umas notas — aquelas notas a que aludi na pg. 6 deste opusculo e foram por mim publicadas no *Diario de Noticias*, anteriormente ao famoso artigo já citado, — fez tambem o sr. Proença a transcrição dum trecho no qual, referindo-me ás ditaduras actuais, as filio na «decomposição indiscutivel das formulas em que a democracia cuidara poder viver por largo tempo» e em «certa regressão propriada pela grande guerra». Nesse trecho avançara eu o seguinte:

A democracia está em crise? Sem duvida. O liberalismo classico fez o seu tempo, a omnipotencia parlamentar é um *bluff* a que balões de oxigenio prolongam artificialmente a vida.

¿ Que respondo eu a isto ?

Respondo :

a) Que proclamando a falencia do constitucionalismo monarchico *em Portugal* não fiz se não repetir, em 1929, aquilo que a propaganda republicana proclamou veementemente perante o pais inteiro ao prègar-lhe a necessidade nacional da Republica;

b) Que proclamando a falencia do constitucionalismo republicano *em Portugal* não fiz se não afirmar, em 1929, aquilo que a realidade dos factos estava evidenciado e, tanta vez, na imprensa, estigmatizando a viciação do sufragio, a selecção invertida das competencias, a desordem e esterilidade do Parlamento, os desmandos do poder, ora apatico, ora arbitrario <sup>(1)</sup>, eu verberara, sem-

(1) O Natal de 1920 passou-o, em 1920, o autor deste opusculo, num calabouço do Governo Civil, por ter publicado no jornal *A Noite*, de que foi director, em sinal de protesto contra o facto de, com prejuizo de Portugal, a Espanha ter obtido um lugar na comissão executiva da Sociedade das Nações, um documento diplomatico cuja divulgação irritou o sr. Padilla, então representante daquele pais em Lisboa. Foi essa prisão um acto de vergonhosa subserviencia e uma arbitriedade praticado em plena vigencia da Constituição, presidindo ao governo da Republica o sr. Liberato Pinto. Ninguém protestou. Nem o sr. Proença. Nessa data ainda não tinha tomado ordens panfletarias. Fazia apenas verbetes.

ptê que pude faze-lo, muito antes do sr. Proença ter acordado nas colunas da *Seara Nova* para as incandescencias panfletarias e para as divagações teóricas de que tanto se orgulha;

c) Que explicando, e não justificando, — como o sr. Proença escreveu — o advento da ditadura militar não fiz se não enunciar, em 1929, aliás sem crueza de pormenores vergonhosos para as facções cuja conjuração *facilitou, coadjuvou e aclamou* <sup>(1)</sup> êsse advento, as causas proximas duma situação governativa que não sendo, evidentemente, um produto cego da fatalidade e, como tal, absolutamente necessario como certas verdades matematicas, nem, tão pouco, um dom supra-inteligivel do Espirito Santo, teve as suas determinantes e constituiu, de certo modo e dentro de certa medida, dadas as circunstancias psicologicas, politicas e morais que o determinaram, um acontecimento *necessario* <sup>(2)</sup> cujo termo só poderá advir quando cessarem as circunstancas em que se operou a sua eclosão;

d) Que focando a carencia de autoridade constitucionalista, não dos que a combaterem — quere ele dizer dos que se bateram em Fevereiro de 1927 e, na maior parte, estão exilados ou proscritos — mas, indistinctamente, dalguns desses elementos e de muitos outros que, sem se haverem batido, todavia lhe teem sido sempre adversos e hão de ser, amanhã, visto não haver outros, os herdeiros do poder, não fiz se não interpretar o sentimento intimo da melhor gente da Republica e, sobretudo, do povo, desiludido e sacrificado, que durante quinze anos de intestinas dilacerações quasi nada viu fazer em seu beneficio moral e material, dos humildes, e, particularmente, da classe operaria algumas vezes fusilada nas ruas e varias outras deportada sem julgamento;

E, finalmente:

Que proclamando o esgotamento historico do «liberalismo

<sup>(1)</sup> O jornal *O Mundo* saudou entusiasticamente o advento da actual situação depois de, em sensacional *manchette*, haver soltado o pregão: «Tem a palavra o Exercito! E o proprio sr. Antonio Sergio, que, no panfleto clandestino *A Revolta*, em artigo assinado, declarou que o maior aliado da ditadura era o medo dum regresso ao *statu quo ante*, conversando em Paris, com o sr. Dr. Bernardino Machado, disse lhe que preferia «isto» á governação dos democraticos (*sic*).

Este facto acaba de me ser comunicado pelo sr. Bernardino Machado (filho), testemunha da estranha declaração do ardente constitucionalista.

<sup>(2)</sup> Já Aristoteles reconhecia (*Metafisica*, livro V, cap. 5) que o conceito de necessidade tem cambiantes. A propria respiração, visto que presupõe a vontade de viver, não constitui uma necessidade incondicional. Hegel, por sua vez, disse: «A necessidade não é cega se não na medida em que não é compreendida.» — Estas citações foram colhidas no livro de Plekhanov *Les questions fondamentales du marxisme*.

classico» e o *bluff* da «omnipotencia parlamentar» simplesmente enunciei conceitos que eminentes pensadores republicanos teem afirmado em obras notabilissimas, sem nenhum repudio, ou sequer desvio, dos principios fundamentais da democracia cuja plasticidade exalçam ao mesmo tempo que reconhecem — distinguindo esses principios das instiluições transitorias em que eles se materializaram — uma ataxia funcional que urge estudar e remediar mediante uma adequação mais eficiente dos Principios á realidade da vida social cada vez mais complexa e multiforme.

Sim, senhores. Eu proclamei tudo isto. Mas se é de haver proclamado estas verdades dolorosas e necessarias que o sr. Proença me argui agora — aceito a acusação, confesso-a altivamente e dela me honro! — devo dizer que não foi disso que o sr. Raúl Proença inicialmente me fez culpado, não foi isso que eu repeli logo.

O meu antagonista realizou, á vista do respeitavel público, uma scena de prestidigitação.

¿De que me acusara ele?

De haver extraído duns tantos factos historicos, aleivosamente invocados, uma doutrina anti-republicana.

Foi esta acusação que indignada, embora correctamente, repeli sem demora. Foi esta acusação que o emprezei a comprovar. Foi esta acusação que o sr. Raúl Proença substituiu agora pela de haver eu dito, *depois* da ditadura, aquilo que, em parte, ele proprio — e só ele — pretende ter dito *antes* dela.

Vem aqui a proposito estas palavras que recorto do ultimo panfleto do sr. Bernardino Machado :

Defende-se a posse duma doutrina como a duma propriedade intangível, flanqueando-a igualmente de altos torreões e muralhas. Encastelamo-nos de mais no nosso criterio pessoal, como se quizessemos realizar o paradoxo duma nação livre composta de milhões de despotas.

E' assim mesmo.

Não tenho duvida nenhuma em confessar que o meu artigo *Constituições e Ditaduras*, escrito em condições que, conforme expressamente nele acentuei, não me permitiam exteriorizar todo o meu pensamento, é, como análise de factos, incompleto e, até certo ponto, por isso mesmo, obscuro.

Não ha, porem ali, articulada ou sequer esboçada — nem podia haver porque as minhas ideias politicas são o que eram antes da ditadura — uma sintese doutrinal anti-republicana e anti-parlamentar.<sup>(1)</sup> Se me preguntarem se a sua leitura não pode fazer

(1) O sr. Proença investiu-se nas funções de doutor da Lei republicana, de grão doutor, — de Sumo Pontifice. Fala, porem, sempre — *ex-cathedra*. Fixou dogmaticamente os canones democraticos. Quem dissentir é anatematizado.

Fôra da seu gremio não ha salvação.

Supor no seu autor um estado de espirito de certo modo incerto direi logo: acho naturalissima essa suposição. Naturalissima e verdadeira. ¿ Qual é hoje o democrata inteligente que, em face da crise iniludível que a democracia está atravessando nos espiritos e nos factos, batida pelo fogo crusado de duas formidaveis ofensivas — a tradicionalista e a comunista — uma e outra arrogante e confessadamente anti-liberais, não medita sobre os acontecimentos e, principalmente, sobre o movimento ideologico da opinião? ¿ E, sem renegar os grandes principios fundamentais da democracia, as suas conquistas, — o respeito da pessoa humana, a liberdade de consciencia, a abolição dos privilegios, a igualdade perante a lei — ansiosamente procura salva-los por uma mais profiqua interpretação realista, por uma mais perfeita realisação pratica? No seu admiravel volume *La Crise de la Démocratie et les réformes nécessaires du pouvoir législatif* (Paris, Marcel Giard, 1925), escreveu o eminente publicista republicano Emile Giraud, abrindo-o, estas palavras terminantes:

A ideia democratica sofre incontestavelmente uma crise na hora actual (pg. 5)

Paginas adiante acrescenta:

Ha uma necessidade premente de ordenar e de renovar a doutrina democratica (pg. 8).

A pg. 13 diz:

A antiga concepção mística da democracia está em ruina e ainda bem que assim é. Com efeito, enquanto se acreditou que as instituições democraticas tinham em si mesmas uma misteriosa virtude, que as tornava excelentes em todos os tempos e em todos os lugares, a forma sob a qual elas se tinham realiado afigurava-se secundaria.

Depois de salientar a morosidade do trabalho parlamentar, a penosa gestação parlamentar das grandes refermas, — a lei dos accidentes de trabalho, por exemplo, foi concluida, em França, vinte anos depois da sua apresentação nas Camaras — observa a defeituosa redacção das leis saidas dos debates parlamentares e conclui:

Parece que uma grande obra legislativa, notavel pela importancia das suas dimensões e pela qualidade da sua factura, não pode sair da retorta democratica. O Codigo civil que, sob o ponto de vista da sua construção, é um monumento legislativo imperecível, foi elaborado sob um regimen autoritario, sob a impulsão e o controle dum despota de genio. A democracia moderna pode apresentar uma obra legislativa capaz de sustentar o confronto com o Codigo de Napoleão? (pg. 30)

Depois de acentuar que a democracia, firmando-se numa filosofia que lhe é própria, postula o emprego de certos processos e a exclusão doutros, observa Emile Giraud que a democracia tem «exigencias inelutaveis» mas, logo a seguir, acrescenta :

Satisfeitas estas, a democracia aproxima-se dos outros governos. O que é causa de fraquesa para eles será igualmente e, por vezes, mais ainda para ela um motivo de fraquesa. Tinha razão Mirabeau quando disse : «Todos os bons governos tem principios comuns; eles não se distinguem se não pela distribuição dos poderes: as republicas, em certo sentido, são monarchicas; as monarchias, num certo sentido, são republicanas». (pg. 33)

E, duas linhas abaixo, Emile Giraud diz :

O governo pessoal, a ditadura, que por nenhum preço desejamos, mostram incontestavelmente certas qualidades; em vez de nos obstinarmos tolaemente em o desconhecer melhor seria procurar a causa disso: verificar-se ia talvez, então, que é possível, respeitando o genio proprio da democracia, organiza-la de maneira que ela não seja em nada inferior aos outros regimes.

Para se fazer, porem, um juizo condigno da autoridade moral e politica com que os «seareiros», acandilhados pelo sr. Raúl Proença, excomungam quem não os acompanhe nas diatribes com que fustigam a ditadura que combatem, depois de tanto terem contribuido par criar em Portugal ambiente propicio ao seu advento, leia-se o artigo que, sob a epigrafe *A Revolução — Condições do seu triunfo*, o sr. Emilio Costa publicou no n.º 53 da *Seara Nova* correspondente a 15 de Setembro de 1925.

Disse o sr. Costa nesse artigo :

Os revoltosos que se apoderarem do poder e numa ditadura lançarem as bases da nova vida politico-social...

Corajosamente proclamava :

... é preciso fazer taboa rasa das disposições legais que, aos milhares, entavam actualmente a boa marcha das coisas.

¿ Foi o sr. Emilio Costa expulso da *Seara Nova* por inculcar esta solução cirurgica do problema politico português? Não. O sr. Emilio Costa não foi expulso. ¿ E porque não foi expulso? Porque, como numa conferencia, efectuada na Associação dos Advogados, desassombadamente afirmou o professor da Faculdade de Direito de Lisboa, Dr. Magalhães Colaço, infelizmente já falecido, a epidemia ditatorial grassava tanto no campo conservador como no republicano :

... por sugestão viva da Italia e de Espanha agora ardentemente se apela para este outro remedio: um governo de força. Digamos mais francamente: dese-

Ja-se uma ditadura. — Surgem então as amostras de ditaduras; oferecem-se aos centos os ditadores. Olha-se á roda: não fica ninguem para obedecer.

O sr. Raúl Proença, na *Seara Nova*, comentando esta conferencia, e aplaudindo-a, mais uma vez se mostrou adverso á panaceia mas não só não fez expulsar da sua revista o sr. Emilio Costa, que nela, com o maior das franquezas — honra lhe seja! — preconisara uma ditadura revolucionaria, como consentiu que este publicista voltasse a defende-la, nas suas colunas (n.º 54), nestes termos clarissimos:

E já que estamos neste assunto de revoluções e ditaduras, completo o meu pensamento dizendo que a grande dificuldade está na questão do programa a pregar e dos homens que o executam. Porque até este momento estou de acordo com os nossos conservadores, que veem tambem que tudo depende do problema politico com uma ditadura. — O importante, por consequencia, não é querer-se sair deste estado de coisas por meio duma ditadura porque isso todos o vêem e desejam, embora o não digam.

Dizia-o, sem circunloquios, o sr. Emilio Costa, na *Seara*, como de certo modo o dissera já nela o sr. Migueis e, com uma presciencia e uma insistencia que é justo salientar, sob a designação de «governação excepcional», o sr. Dr. Quirino de Jesus, assiduo e festejado colaborador dessa revista, especialmente nos seus ataques contra .. o Banco Ultramarino.

Nenhum destes foi expulso!

E eu pergunto:

¿Escrevi eu, porventura, no meu artigo tão combatido qualquer coisa que de longe se pareça com estas afirmações?

Firmado, de resto, por quem tantos testemunhos tem dado de combatividade republicana, se se comprehende que levantasse reparos — a minha prosapia admite-os — é intoleravel que pudesse servir, sobretudo a um homem com responsabilidades intellectuais, e que tinha a obrigação de, até á ultima extremidade, confiar na isenção e sinceridade do articulista, para um precipitado juizo infamatorio.

Todavia, foi o que aconteceu.

Se o sr. Raúl Proença — e quando digo o sr. Proença quero dizer qualquer outro republicano de categoria — se me tivesse dirigido a dizer-me:

— Sr. Bourbon e Meneses! O seu artigo pareceu-nos duvidoso. Não descortinámos o seu mobil. Temos duvidas sobre o seu significado. Faça o favor de no-los explicar para sabermos se nos é possivel continuar a manter com o senhor a solidariedade politica que nos tem ligado...

... as minhas explicações seriam imediatas, clarísimas e — estou disso certo — absolutamente satisfatórias.

Para isto seria, porém, preciso que o sr. Raúl Proença fosse um homem bem educado, respeitador da consciencia e da sensibilidade dos outros. Mais: que o sr. Proença não fosse — infalível. Mas o sr. Proença é, efectivamente, infalível. Para o seu senso interpretativo não ha obscuridades. ¿Não nos disse ele já que nos fala em nome da Clarividencia? Percebeu tudo. Compreendeu tudo. E viu o pior: uma traição. E compreendeu o pior: uma cobarde apostasia.

Viu tudo isto — excomungou-me.

Não me ocorrem, para fecho desta replica, á qual não estou disposto a fazer aditamentos, palavras mais adequadas e eloquentes do que estas com que Nicoclès, recolhendo para a posteridade a doutrina do seu mestre (*Entretiens de Phocion*, trad. du grec par M. l'Abbé Mably, Amsterdam, 1767) principiou a sua obra :

Não desesperéis da salvação da Pátria, meu caro Cléofanes. Atenas não perdeu ainda a protecção de Minerva, pois que possui... Proença.

Termina aqui a festa. Vamos agora aos foguetes.

# FOGUETES DE TRÊS RESPOSTAS

(NOTAS)

Ha um proverbio popular segundo o qual nunca se deve falar em corda na casa dum enforcado. Mas o sr. Proença não se importa nada com os proverbios e atribuiu-me alucinações... Não gostei, decidi logo vingar-me e como, no demais, para fazer compreender certas manifestações indispensavel se torna indicar-lhes a causa, escrevi: «este que já esteve furioso...»

Comentario dele:

O sr. Meneses é clemente...

Não contesta. Mas acrescenta, consolando-se: «Comte escreveu as suas melhores páginas de filosofia entré dois ataques de loucura.»

Se a loucura do sr. Proença tiver intervalos não duvido nada que possa vir a produzir paginas tão notaveis como as de Augusto Comte.

\* \* \*

Escrevi tambem: «a minha altivez, a minha alta noção da independencia...»

!No que eu caí!

«Esta *alteza* rebaixa tudo!» — disse ele.

E, depois de asseverar que sou um vilão mascarado de príncipe, mostrando os pés sujos e a fralda de fóra sob o manto roçagante, concluiu :

— Porcalhão !

Tal qual o *Pinheiro Maluco* :

— O' porcalhões dum povo ! . . .

\*  
\*   \*  
\*

Referindo-se aos meus méritos literários, para mostrar que possuí veia sarcástica, gracejou, cheio de chiste :

Digo-lhe mais : para trabalhos de agulha, *crochet*, bordados, *needlece*, misanga, florzinhas de papel, o senhor pode bem aproximar-se de Julio Dantas.

Logo a seguir, porem, aludindo ao meu ultimo livro *O Diario de João Chagas*, traçou isto :

Li-o quasi com avidez. E nada vi nele que desfizesse a minha lisongeira impressão sobre o escritor. . . — E' um livro que tem o ar de ser feito dum jacto, com uma elegancia, uma fluidez e uma vibração em que não ha um só desfalectamento.

¿ Em que ficamos ?

Se este homem, na Biblioteca, arrumasse os livros como cataloga os escritores certamente que o *Borda de Agua* ainda havia de aparecer, um dia, verbetado por ele, ao lado da *Suma Teologia* de S. Tomás de Aquino. . .

\*  
\*   \*  
\*

Agora, um reparo que traduz uma modificação do juizo que sempre fiz da inteiresa moral do sr. Raúl Proença. Escreveu ele aludindo ao meu poemeto em prosa *Menino* :

Tambem o sr. Bourbon me enviou em tempos o seu *Menino*. E, como sempre, para esmolar uma opinião. Tive, porem, que responder-lhe :

«Que Deus Nosso Senhor o favoreça, pobrezinho ! Porque o estendal que o senhor tem feito nas gazetas com as esmolos desse genero é indecoroso. . . »

Se pedi ao sr. Proença a sua opinião sobre esse meu livrinho não me recordo, — e a minha memoria é boa. Do que me recordo

perfeitamente é que lhe envie dois exemplares: o primeiro espontaneamente, o segundo porque mo pediu dizendo que havia perdido o que eu lhe remetera, antes de o ler, e que tinha empenho em conhece-lo.

Ocorrem-me as palavras de Camilo acerca dum editor de arrevezadas contas: «tem um feitio esquisito de homem probo. A's vezes, finge perfeitamente que se esquece de o ser...»

\*

\* \*

Voltou a falar o ferrabaz das Caldas em dois bilhetinhos que em certa data, lhe dirigi convidando-o para reuniões pouco edificantes.

Só me lembro dum, mas ele que fala em dois .

Desejando o Presidente da Republica conversar com o sr. Raúl Proença, então em plena efervescencia arremetedor na *Seara Nova*, encarregou-me, na qualidade de seu secretario, de lhe significar esse desejo e de lhe pedir que passasse pelo palacio de Belem. O sr. Proença, com a cortezia habitual, respondeu que não ia.

Eis a historia dum bilhete. Do outro — repito — não me lembro.

Quere-me, porem, parecer que não lho escrevi a convida-lo para qualquer pouca-vergonha...

\*

\* \*

Duvida o sr. Proença da sinceridade com que, no *Primeiro de Janeiro*, estando ele já homisiado, publicamente o enalteci.

¿ E porque duvida?

Ele o diz: «está-se a ver agora — em que até a veia sarcastica me não quere reconhecer!»

Pois está claro! Quem for de opinião que ao sr. Proença falta veia sarcastica não tem sinceridade nenhuma se disser que ele é um publicista culto, um escritor de ideias apreciavel, um prosador combativo de incontestavel merecimento e, pelo que diz respeito ao moral, um homem honrado e limpo.

Para ser isto é indispensavel possuir veia sarcastica.

Este sr. Raúl Proença acumula todos os quindins, açambarca todos os talentos e qualidades. Ao pé dele ninguem medra.

Que chupista!

\*

\* \*

Profligando a minha «traição», quiz o sr. Proença mostrar que ela não constitui um caso esporadico no meu *curriculum vi-*

tae... E, assim, não se sentindo com forças para trejarar que fui monarquico — como o seu amigo sr. A. Sergio, que em seguida ao 5 de Outubro se demitiu de oficial da Armada e emigrou para o Brasil por não querer servir o novo regimen — recordou que fui anarquista:

Antes de 5 de Outubro, este homem dizia-se anarquista, e escrevia artigos anarquistas. Logo após a proclamação da Republica aceitou, porem, um lugar de administrador. E foi á sua frente, de revolver em punho, que a policia dissolveu, em Viana do Castelo, — nma conferencia anarquista!... Como se vê, não é esta a primeira vez que o sr. Bourbon e Meneses trail!...

Não censuro o sr. Proença por denunciar ao órbe as minhas «traições». O que me parece excessivo é que, para dar-lhes realce, atropéle a propria cronologia. Não fui nomeado administrador de concelho «logo após proclamação da Republica» a não ser que eu esteja enganado quanto á data desta. Fui nomeado quasi no fim de 1914. Quanto ao revólver...

Não foi com revólver: foi com uma metralhadora. E só assim se explica que, rivalizando gloriosamente com o famoso general Trepoff, eu tivesse, com os meus doze ferozes, canibalescos policias de Viana do Castelo, enchido o hospital e o cemiterio da graciosa cidade minhota...

¡ Foi uma chacina!

¡ Tamanha que, ainda hoje, recordando-a, Viana do Castelo chora — por mais!

A unica cousa que alguns republicanos de lá talvez ainda me não tenham perdoado é que, desacatando o conselho deles, não tivesse feito espancar os discolos, depois de presos, nos terrenos do Campo da Agonia.

— Aquilo é escuro. Ninguém vê. Era uma lição!

Donde se conclui que se a minha «traição» tem antecedentes historicos, o espancamento dos presos entronca, por sua vez, na historia das ideias democraticas em Portugal...

\*

\* \* \*

Jaurés foi, um dia, acompanhado por outros socialistas de coturno, tomar parte, em Toulouse, num comicio a favor duma greve operaria. Como o comicio se efectuassee ás 8 da noite, no teatro, e eles tivessem chegado, pelas 6 horas, aquela cidade, foram tomar uma refeição num restaurante modesto. No dia seguinte um jornal de tendencias conservadoras inseria um telegrama no qual se dizia que os tribunos socialistas, provavelmente á custa da

caixa de resistencia dos grevistas, antes de lhes debitemos os seus discursos se tinham banqueteados comendo *asperges en branches e perdreaux sur canapé*.

Não sei bem em que consistem estas iguarias. Quem sabe disto, com certeza, é o sr. Urbano Rodrigues. Consta-me, porem, que não são pratos para socialistas, autorizados pela *Internacional*.

Sempre tiveram má fama os socialistas. . . .

Os socialistas — e os canapés. . .

Pensando nestas acusações fulminadas contra o grande democrata francês assassinado por um semi-demente estimulado por abjectas verberações consolo-me da arguição que o sr. Raúl Proença me faz de, em 1914, na iminencia da mobilização para a guerra, em que a nação, devido a varias circunstancias, só mais tarde veio a intervir, ter cumprido o meu dever de agente da autoridade e de republicano dissolvendo, com o minimo de violencia, e depois de haver tentado evitar, pela persuasão, o procedimento a que estava sendo compelido, uma assembleia de agitadores que se propunham pregar aos reservistas a deserção dos seus deveres militares. Esta arguição é, na realidade, infamatoria. E, feita pelo sr. Raúl Proença, hierofante da Republica — que na Biblioteca tratava os subordinados com a sua brutaria peculiar — adquire as proporções duma desqualificação formal.

\*

\* \* \*

Não gostou o sr. Proença que eu houvesse escrito que depois de ter contribuido, com o seu irreflectido oposicionismo, para o advento do nosso *statu quo* governativo o ajudou a consolidar com os seus panfletos desgraçados. . . Devo reconhecer que no que diz respeito a contribuições para o advento, outros, na *Seara*, lhe levaram as lampas. Na tarefa consolidadora, em compensação, o sr. Raúl Proença não consentiu que ninguem o excedesse. E ufana-se dos seus panfletos!

A critica foi-lhes feita pela propria ditadura que, recortando um trecho absolutamente tresloucado desse energumeno, o fez imprimir e circular pelos quarteis.

Aquele trecho em que o sr. Proença, prometendo a exautoração e o fusilamento dos officiais que fizeram ou ajudaram a fazer o 28 de Maio, se declarava pronto a dar, ele proprio, ao pelotão sinistro, a voz de fogo. . .

\*

\* \* \*

Como eu haja escrito na minha carta de 28 de Dezembro que, se tivesse algum disponivel, havia de mandar-lhe um exem-

plar do meu recente livro *O Diário de João Chagas* para ele ver, com os seus olhos, como lisonjeio o *statu quo*, retorquiu o sr. Raúl Proença :

Pelo que diz respeito à situação governativa aquillo de que tanto se jacta encontra-se a paginas 113: uma miséria. Não era preferível não dizer nada a articular semelhante comédia de coragem cívica ?

E como eu tenha escrito no prologo da obra que preferi transferir da imprensa para o livro a minha critica ao *Diário de João Chagas*, por ficar assim «ao abrigo de todas as censuras», acrescenta:

Não ha duvida que aproveitou heroicamente semelhante abrigo.

Aqui, arrastado na torrente da furia, o brutamontes abisma-se não se sabe já se na demencia digna da comiserção se na perversidade merecedora das reacções do nojo.

Escrevi o livro ao abrigo de todas as censuras. Mas publicando-o, não fiquei ao abrigo de nenhuma represalia. E isto, que a tanto inspirou louvores e espanto, só o sr. Proença finge não perceber desafortadamente, — ele que se jacta das trovoadas que fabricou escondido ou do lado de lá da fronteira !

¿ Mas valerá a pena eu indignar-me ?

\*

\* \*

Fina sensibilidade literaria a deste porco-espinho da prosa ! Causou-lhe arrepios que — não precisei a quem queria referir-me — eu houvesse escrito : « as esbaforidas falações e escrevinhações dos sarrafaçais chafariqueiros ».

E comenta, levando ás ventas o frasquinho de sais :

Quando pretende falar a linguagem da cólera, é sempre assim: desaparece o escritor, para aparecer o mais reles dos fadistas. Como polemista, o sr. Meneses usa melenas e beata ao canta da boca...

¡ A sensitiva !

Apreciem-no neste mimo :

Entre seu bruto, boceje, espreguice-se, esperneie. Vá vomite para aí. E assim aliviado, arrebite essas orelhas.

Cólera em boa linguagem — esta. Eu é que uso melenas...

\*

\* \*

Rigorosamente, o sr. Proença não respondeu á minha segunda carta com outra carta mas com um temporal desfeito. Decidiu não me deixar um osso inteiro. E vai daí ocupou-se até do purismo, do classicismo da minha prosa. Anotando aquele trecho do meu artigo *Constituições e Ditaduras* que pode ler-se ao alto da pg. 22 deste opusculo e começa assim: «Todas as facções, etc.» observou o sr. Proença :

Aprecie-se a pureza classica desta prosa .. — Num só periodo, 7 vezes a preposição *em*, isolada ou com o artigo.

Agora é que nunca mais levanto cabeça ! Sete vezes a preposição *em*, isolada ou com o artigo, num periodo só, é de arrasar definitivamente um escritor. E' por uma destas que quasi ninguem hoje lê o Camilo. No *Eusebio Macario* (6.<sup>a</sup> edição, pg. 2) escreveu ele 12 vezes a preposição *com*...

\*

\* \*

Como eu tivesse escrito que na minha agua-furtada, «os futuros Messias, neste momento devolutos, me hão de saber tão indomável como desinteressadamente desdenhoso dos seus triunfos», onde eu disse os «futuros Messias» poz ele — os proscritos. Não lhe bastou, porem, esta honesta substituição de expressões. E, recordando que à data do 28 de Maio, eu exercia junto do Chefe do Estado as funções de seu secretario, diz que a ditadura me não veio encontrar tal na minha trapeira, mas no palacio de Belem, «ligado indissolúvelmente à vida polita do país».

Fui, por duas vezes, secretario particular do sr. Bernardino Machado na presidencia da Republica e sabe muito bem este homem publico que de ambas o fui — a seu convite. Sabe mais que, surpreendido da primeira por uma tormenta reaccionaria, não desertei do meu posto. E que, tanto em seguida a essa hora amarga, como na presente conjuntura, jamais exteriorisei publicamente o desacordo que, na intimidade, sobretudo em 1917, algumas vezes, na cidadela de Cascais, a sua alta delicadeza e tolerancia me permitiram confessar-lhe... Diz-me a consciencia que nunca, como na adversidade, a minha solidariedade com ele tem sido manifesta. E o proprio sr. Proença me argui de a ter exagerado no meu livro *O Diario do João Chagas*...

Quanto á minha agua-furtada sinto ter de contrariar o sr. Raúl Proença. As minhas funções em Belem não me davam residencia no palacio — nem os meus vencimentos me permitiram *descer* para um primeiro andar.

Eu acumulava: estava em Belem — e na trapeira.

O mesmo se não diria, talvez, do sr. Proença se continuasse a ser chefe dos serviços tecnicos da Biblioteca Nacional e fosse por diante o grandioso projecto — de que a imprensa deu noticia ha anos — segundo o qual seria construido no parque Eduardo VII, para substituir o fradesco casarão de S. Francisco, um edificio monumental — com residencias de porta para a escada...

Certamente o sr. Proença ficaria, pelo menos, com um quarto — quanto mais não fosse para pouca permanencia.

— Oh! que famintos beijos ..







27

————— 1931 —————  
CENTRO TIPOGRAFICO COLONIAL  
L. Rafael Bordalo Pinheiro, 27 e 28  
————— LISBOA —————